

## LEITURA, INTERVENÇÕES PRÁTICAS E FEMINISMOS NO LEIA MULHERES SALVADOR

Jeniffer Geraldine Pinho Santos<sup>1</sup>

*Resumo:* A presente pesquisa pretende investigar a leitura como intervenção prática a partir do Leia Mulheres, projeto de incentivo à leitura de obras de autoria feminina, na cidade de Salvador (BA). Para tanto utilizarei a pesquisa qualitativa, método autobiográfico e biográfico, e entrevistas narrativas, com análises interpretativas baseadas em teoria feminista — autoras como Simone de Beauvoir (2008), bell hooks (2018), María Lugones (2008), Grada Kilomba (2019), Audre Lordes (2019), e teoria da crítica cultural — autores como Michel Foucault (2014) e Giorgio Agamben (2009). Nesta etapa, para o Seminário Interlinhas 2019.2, haverá a apresentação dos tópicos de estudo. O primeiro tópico de estudo será produzido utilizando a escrita autobiográfica para narrar a minha relação com a leitura e as intervenções práticas que ocorreram na minha vida quando me aproximei do Leia Mulheres Salvador, em primeiro momento como mediadora e, em seguida, como leitora participante. Nessa seção pretendo também apresentar os percursos teórico-metodológicos da pesquisa. No segundo tópico de estudo, abordarei o objeto da pesquisa: a leitura como intervenção prática. E assim levantar questões como: leitura como dispositivo; leitura, um ato político; leitura e tornar-se sujeito; leitura e descolonização. Para o segundo capítulo, discutirei as relações entre leitura e feminismos, como também apresentarei o projeto Leia Mulheres. O terceiro tópico de estudo será construído com base nas entrevistas narrativas a serem realizadas com as leitoras participantes do Leia Mulheres em Salvador. Espera-se com esse estudo mostrar que a leitura interfere na produção de práticas e a partir disso apontar a importância da valorização do ato de ler para reinventar as práticas dos sujeitos.

*Palavras-Chave:* Leitura. Feminismos. Leia Mulheres.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira. Endereço eletrônico: jeniffergps@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Em 2014, a escritora britânica Joanna Walsh criou a campanha #readwoman2014 ao promover a *hashtag* no *Twitter*. A proposta era ler durante o ano de 2014 livros de autoria feminina e assim colocar em discussão essas produções e valorizar a literatura feita por mulheres.

Três mulheres brasileiras, Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, se juntaram e organizaram o projeto Leia Mulheres no Brasil, em 2015, com a ideia de ter encontros presenciais em livrarias e espaços culturais ao redor do país. Atualmente o Leia Mulheres está presente em mais de 147 cidades brasileiras e conta com a colaboração de mais de 320 mediadoras voluntárias. Em média são três ou quatro mediadoras em cada local. O projeto já está alcançando cidades, além do Brasil, como a cidade do Porto, em Portugal. Na Bahia, o clube de leitura acontece nas cidades de Feira de Santana, Ilhéus, Juazeiro, Salvador, Valença e Vitória da Conquista.

O *Leia Mulheres*, seguindo a ideia original de Joanna Walsh, marca presença na internet através de um site oficial<sup>2</sup>, perfis em redes sociais como *Instagram*<sup>3</sup>, *Facebook*<sup>4</sup> e *Twitter*<sup>5</sup>. As plataformas digitais são utilizadas para divulgar ações, datas de encontro, dicas de leitura, matérias e entrevistas com autoras, e resenhas de livros.

Em março de 2019, em parceria com a Editora Pólen Livros, o projeto lançou o *Leia Mulheres: Contos - Volume I*, livro que traz 23 contos produzidos pelas mediadoras e autoras convidadas; além de ser fruto de uma parceria com a *Sweek*, plataforma de compartilhamento de conteúdo sobre literatura. A *Sweek* promoveu um concurso com o objetivo de selecionar seis escritoras para participar do livro de contos.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/>.

<sup>3</sup> Perfil oficial central: [https://www.instagram.com/\\_leiamulheres/](https://www.instagram.com/_leiamulheres/).

<sup>4</sup> Facebook oficial central: <https://www.facebook.com/leiamulheres>.

<sup>5</sup> Twitter oficial central: [https://twitter.com/\\_leiamulheres](https://twitter.com/_leiamulheres).

Para implantação do clube na cidade de Salvador (BA), encontrei outras mulheres interessadas em literatura na cidade e que estavam dispostas a implantar o projeto. Dessa maneira, junto com Ilmara Fonseca, Paula Janay, Eduarda Sampaio, Joana Mutti, dei início ao *Leia Mulheres Salvador* em janeiro de 2016 e a primeira leitura foi *Americanah*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie.

A relação próxima com o projeto *Leia Mulheres* me proporcionou conhecer o movimento feminista, o que considero ter sido o início de mudanças significativas na minha vida. Na época estava chegando aos 30 anos de idade, solteira, sem filhos. Tinha que responder várias vezes e me justificar do porquê não ser casada e não ter filhos. Ouvia constantemente que o tempo estava passando. Lembro que isso gerou angústias e crises pessoais. Mas, no círculo do *Leia Mulheres*, encontrei diversas histórias similares a minha e através das teorias e autoras feministas, percebi que não era um problema ser uma mulher, na casa dos 30 anos de idade, solteira e sem filhos. Essa experiência foi o início de um processo pessoal de ressignificação da minha subjetividade.

A partir da relação próxima com o projeto *Leia Mulheres* e das intervenções práticas que aconteceram na minha vida, uma delas citada anteriormente, me interessei em ouvir outras participantes e mediadoras para saber qual o impacto do *Leia Mulheres* em suas vidas. Assim, nasceu a pesquisa *Leitura, intervenções práticas e feminismos no Leia Mulheres Salvador* que pretende investigar se o projeto atua na produção de práticas para contribuir com a liberdade de experiência das mulheres participantes na cidade de Salvador (BA). Para tanto utilizei a pesquisa qualitativa, método autobiográfico e biográfico, e como instrumento, entrevistas narrativas, com análises interpretativas baseadas em teoria feminista — autoras como Simone de Beauvoir (2008), bell hooks (2018), María Lugones (2008), Grada Kilomba (2019), Audre Lordes (2019), e teoria da crítica cultural — autores como Michel Foucault (2014) e Giorgio Agamben (2009).

## PERSPECTIVAS E TÓPICOS DE ESTUDO

Os tópicos de estudo da presente pesquisa foram propostos levando em consideração os objetivos específicos, a saber: averiguar a atuação da leitura como dispositivo de intervenção prática na vida do sujeito; compreender a leitura como um ato político; verificar de que maneira a leitura de obras produzidas por mulheres atua no processo de descolonização do ser; apurar as possíveis intervenções práticas ocorridas na vida das participantes do *Leia Mulheres*.

O tópico de estudo inicial “Minha estante era patriarcal demais” terá uma escrita autobiográfica para narrar a minha relação com a leitura, as intervenções que ocorreram quando me aproximei do *Leia Mulheres* Salvador, no primeiro momento como mediadora e atualmente como leitora participante. Quero mostrar também os questionamentos que fiz a partir do *Leia Mulheres*: O que estou lendo? Quais autores e autoras tenho na estante? E todas as questões relacionadas ao cânone literário brasileiro que é masculino, branco, heterossexual e patriarcal, conforme pesquisa de Regina Dalcastagnè (2012) que realizou um mapeamento do romance brasileiro contemporâneo, na Universidade de Brasília, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004) e constatou que "120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo".

Ainda na primeira etapa escrita da pesquisa pretendo incluir os percursos teórico-metodológicos, que começaram, de certa maneira, à medida que questionava a minha estante, e buscava a descolonização do saber e do conhecimento ao ler mulheres em suas pluralidades e ao conhecer a teoria feminista pós-colonial e descolonial.

O tópico de estudo 2 — “Leitura, uma intervenção prática” — será dedicado a abordar o objeto da pesquisa: a leitura como uma intervenção prática. E com isso tratarei de questões como: 2.1 Leitura como dispositivo; 2.2 Leitura, um ato político e ler para tornar-se sujeito; 2.3 Leitura e descolonização.

Agamben (2009, p. 40) amplia mais ainda a classe dos dispositivos foucaultianos e diz que:

[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, a fábrica, as disciplinas, as medidas jurídicas etc. cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e — por que não — a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares de anos um primata — provavelmente sem se dar conta das consequências que se seguiram — teve a inconsciência de se deixar capturar.

A leitura não apenas intervém no plano das ideias, mas também contribui para produção de práticas. A minha estante era patriarcal demais, lia homens brancos e sempre os considerados canônicos. Ao expandir minha lista de leitura para mulheres, descobri o movimento feminista e suas causas, comecei a questionar não apenas a minha estante de livros, mas todas as minhas ações enquanto mulher e a enxergar com criticidade o meu lugar na sociedade.

Grada Kilomba (2019), no livro *Memórias da Plantação*, traz a concepção de escrever como ato político. A autora comenta que ao escrever, ela se torna a narradora e a escritora da própria realidade, autora e a autoridade na própria história. Ela, enquanto mulher negra, se torna o oposto do que o projeto colonial ditou. Considerar a escrita como ato político, nos leva a considerar também a leitura como um ato político, já que é um ato que nos mantém próximos de modos de viver e ser diferentes ou similares aos nossos e que nos move a mudanças.

Ao participar de um projeto que tem como objetivo ler mulheres, vamos de encontro ao cânone literário brasileiro masculino e patriarcal e a chamada leitura tutelada, que durante anos os homens da casa escolhiam as leituras feitas pelas mulheres. Ler assim pode se

interpretado como um ato político de desobediência epistêmica, conceito trabalhado pelo professor argentino Walter Mignolo (2008) para propor o desligamento epistêmico do domínio dos conceitos modernos, ocidentais e eurocentrados.

*Leitura e feminismos* é a proposta do tópico de estudo 3 para apresentar o *lócus* da pesquisa: o projeto *Leia Mulheres* e o recorte *Leia Mulheres* Salvador. Tratarei do surgimento, as motivações, os questionamentos, ações e desafios. A intenção também é situar a leitura e escrita na história das mulheres.

Como já mencionado, a leitura feminina era tutelada. A mulher lia o que os homens da família permitiam. Assim, a educação feminina e a leitura eram dispositivos que atendiam aos interesses patriarcais e não aos interesses da mulher.

A sociedade, todavia, tratou de controlá-las usando de alguns mecanismos: converteu o magistério numa extensão da tarefa doméstica e maternal e desqualificou o trabalho delas aos olhos masculinos; desvalorizou suas leituras, embora não deixasse de fornecê-las em quantidades substanciais e crescentes; condicionou a recepção de obras às necessidades de doutrinação desse público, que reabsorveu valores familistas e patriarcais, traduzidos agora na linguagem da idealização da mulher e sua tarefa doméstico-pedagógica (LAJOLO; ZILBERMAN, 2011).

Seguindo o objetivo específico de apurar as possíveis intervenções práticas ocorridas na vida das participantes do *Leia Mulheres*, na etapa 4 do estudo, que até o momento tem o título, *Conversas entre leitoras*, pretendo desenvolver com base em entrevistas narrativas com as participantes do *Leia Mulheres* Salvador.

A entrevista narrativa (daqui em diante, EN) tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado (que na EN é chamado um “informante”) a conta a história sobre algum acontecimento importante da sua vida e do contexto social. A técnica recebe seu nome da palavra latina *narrare*, relatar, contar uma história (BAUER; GASKELL, 2002).

Após ouvir as participantes, levarei para pesquisa os seus relatos biográficos com a pretensão de realizar análises interpretativas com base na teoria feminista e teoria da crítica cultural.

No tópico de estudo 5, trago a conclusão para abordar os resultados encontrados, as contribuições, desafios e limitações, e possível continuação da pesquisa. O título ainda é provisório, mas a proposta é mostrar que a lista de leitura não tem fim, logo as intervenções práticas também não. Há muitos livros para ler, e muitas desconstruções a serem feitas diariamente. É um movimento que segue o curso da sociedade e suas mudanças.

## **ALGUMAS CONCLUSÕES**

A presente pesquisa sofreu modificação durante o primeiro do ano mestrado em Crítica Cultural. Antes o objeto era a literatura, agora é a leitura. A mudança ocorreu devido a um movimento pessoal e a experiência no estágio docente, no 5º semestre do curso Letras — Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na disciplina Estudo da Ficção Brasileira Contemporânea. Tive a oportunidade de fazer o recorte de gênero nos estudos da ficção brasileira contemporânea e acompanhar o impacto, as reflexões e intervenções causadas pelas leituras nos estudantes durante o semestre me mostraram que pesquisar sobre a leitura e suas intervenções práticas me move muito mais.

Como diz o linguista Vincent Jouve (2002), a leitura é uma experiência e o texto age sobre o leitor, sendo assim não é uma atividade neutra. Foi através da leitura, especificamente de textos de autoria feminina, que comecei a formação de uma consciência crítica feminista e busco incluir na minha vida práticas fundadas no antirracismo e anti-sexismo. O processo é gradativo, como a leitura de um livro, cada página lida, um pequeno passo é dado.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Editora Argos, 2009.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo, Editora Horizonte/ Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. Editora UNESP, 2019.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF — Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324, 2008. Disponível em <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>.